



## Sobre “As Almas do Povo Negro”

**Por Anrnold Rampersad<sup>1</sup>**

**Tradução e notas: José Luiz Pereira da Costa**

*“Estou muito feliz pelo livro que escreveste — necessitávamos de alguém que expressasse as complexidades de cega confusão de pensamento e ação, nas quais o moderno, educado homem de cor se debate. Te causou grande sofrimento produzir essa obra, não? Um homem de acurada sensibilidade deve sofrer intensamente, simplesmente porque seu sentimento é tão refinado. (de Jessie Fauset para Du Bois, em 1903).*

O entusiasmo de Jessie Redmon Fauset<sup>2</sup> por “As Almas do Povo Negro” foi compartilhado com sucessivas gerações de leitores. William James escreveu para Du Bois dizendo que seu livro o havia impressionado, tanto em substância quanto em estilo e que, por certo, haveria de ter, no futuro, um lugar de destaque na literatura. William enviou uma cópia para seu irmão Henry, que expressou seu sentimento de ser aquela coleção “o único livro sulista de qualidade publicado naquele ano. Em “A autobiografia de um ex-homem de cor” (1912), James Weldon Johnson<sup>3</sup> celebrou “o magnífico livro” como um pioneiro em expressar a realidade da vida afro-americana. Anos adiante, Johnson escreveu que o livro teve um efeito maior sobre, e em meio, aos negros americanos do que nenhum outro livro publicado no país desde “A cabana do tio Tomás”. Langston Hughes escolheu “As Almas ” dentre outros, em suas reminiscências: “minhas recordações mais antigas de palavras escritas remontam à Du Bois e à Bíblia”. Historiador de literatura, Benjamin Brawley sentiu em suas cadências “a paixão de um poderoso coração” e considerou o livro como o mais importante em inglês clássico, produzido àquele tempo por um escritor negro. Para o crítico J. Saunders Redding a obra se

---

<sup>1</sup>[http://www.amazon.com/Souls-Black-Everymans-Library-Cloth/dp/067942802X/ref=sr\\_11\\_1/002-3006431-8467251?ie=UTF8&qid=1189283347&sr=11-1](http://www.amazon.com/Souls-Black-Everymans-Library-Cloth/dp/067942802X/ref=sr_11_1/002-3006431-8467251?ie=UTF8&qid=1189283347&sr=11-1)

<sup>2</sup> Jessie Redmon Fauset (1882 – 1961). Formada pela Universidade de Cornell, trabalhou no jornal *The Crisis*, órgão da NAACP – Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor. Produziu romances e poesia.

<sup>3</sup> James Weldon Johnson (1871-1938). Romancista, poeta e folclorista afro-americano. Obras notáveis: *A autobiografia de um ex-homem de cor* e, *a Criação*, conjunto de poemas baseados nos pregadores negros do Sul.

constitui mais “num fazer história do que histórica”, tão profundo foi seu impacto sobre uma ampla diversidade de pessoas. E o historiador Herber Aptheker declarou que o livro “é um dos clássicos da língua inglesa”.

“*As Almas do Povo Negro*” buscou converter e seduzir os americanos, brancos e negros, fazendo-os compartilhar a visão otimista de Du Bois quanto à cultura negra nos Estados Unidos. Era incompreensível, para negros, também para brancos, que o povo negro vivendo na América possuía uma reserva de espiritualidade que dignificava seu viver. Em verdade, não era evidente sequer que “massificados milhões de trabalhadores negros” dos quais veio “o confuso meio-consciente murmúrio de homens que são negros e claros”; em verdade formou um “povo”, com tradições, aspirações e caráter peculiares. “Suponha que, após tudo isto”, um negro qualquer certamente admirou-se: talvez “o Mundo esteja certo e nós sejamos menos do que homens?”

Para refutar as acusações do “Mundo” e afirmar a integridade espiritual dos negros, Du Bois ordenou sua evidência — a história e a sociologia dos afro-americanos desde o primeiro cativo até a época do autor, um tempo de “*Sturm und Drang*” (tempestade e tensão). Dessa longa história ele buscou extrair o significado dos anos, com ênfase às vezes para personagens isolados, para peculiaridades nacionais, ou vicissitudes do destino dos negros. Seu estilo de prosa alonga-se desde o trivial até à confabulação ciceroniana. Baseou-se em fatos, mas aplicou também a forma de conto. Imprimiu objetividade erudita ao lado de paixão pessoal e autobiográfica. O resultado é um dos mais peculiares livros da literatura americana, uma diversa mistura de gêneros e estilos. “*As Almas do Povo Negro*” é um guia não apenas das idéias de seu autor, mas também de seu sentido de estilo, pois representa generosamente as forças de um escritor, nos anos primeiros de sua maturidade.

Partindo de três dúzias de artigos e conferências escritas ou publicadas, Du Bois selecionou oito para adaptação ou republicação como nove capítulos de “*As Almas do Povo Negro*”. A estes ele acrescentou cinco novos capítulos inéditos. O mais controvertido e ponta de lança da obra intitula-se “*Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros*” — um ataque rígido, sem poesia, às políticas do negro mais poderoso daquele tempo. Contrastando, o trabalho previamente não publicado, trenodia à morte de seu filho infante: “*Sobre o passamento do primogênito*”, que embora montado sobre a

questão racial, é ao mesmo tempo profundamente autobiográfico e universal em suas implicações. “*As Almas do Povo Negro*” foi, assim, consciente e cuidadosamente elaborado a partir de concepções antigas e novas de forma a se adaptar a uma importante ocasião: a primeira aparição simultânea de Du Bois como poeta, profeta e erudito, suplicando, através de um longo trabalho, para o coração e mente da nação americana.

Du Bois admitiu, em 1904, um ano após a publicação, que “o estilo e manufatura” de seu livro não foram capazes de tornar “de todo claro” seu significado. Ele acreditava que o conjunto carregava “uma clara mensagem central”, mas que em volta a este núcleo flutuava “uma penumbra” de alusões vagas e semiveladas. A primeira impressão que deixa o prefácio de Du Bois, “Meditação preliminar” é, sem dúvida, indefinido. Ele propõe-se a esboçar “em vago e incerto bosquejo”, o mundo espiritual onde “milhares” de negros americanos vivem. Também, enfim, anuncia a metáfora central tanto da vida dos negros, quanto de seu livro — “o Véu”. Como mais adiante elabora, um imenso véu jaz entre brancos e negros na América, fazendo com que o negro se perceba apenas em reflexos sombrios através dessa barreira diáfana. Mas, na “Meditação preliminar”, o véu surge como pouco mais do que a cortina numa feira, que Du Bois irá abrir para o freguês curioso. Ouve-se, então, um leve rumor de uma massa se aproximando, nesse cenário pacífico, pois “O problema do século vinte é a questão da linha da cor”. Nalgum lugar, postado entre servilismo e ameaça, Du Bois colocou esse prelúdio. O resultado é apaziguador e até atormentador. O método é característico de toda a obra. “*As Almas do Povo Negro*” se divide em três partes, tratando sucessivamente com história, sociologia e espiritualidade afro-americana. O primeiro capítulo, “Sobre nossos embates espirituais” mistura história com psicologia, num extenso prólogo. O segundo capítulo, “Sobre o alvorecer da liberdade”, examina a história dos negros após o término da escravidão, vista ao tempo do surgimento e derrocada do Escritório dos Libertos, criado pelo governo para facilitar o processo de transição desses para a independência. O terceiro capítulo, que abre uma discussão sobre Booker T. Washington, traz experiências vividas a serem suportadas no presente e no futuro. Cada um desses capítulos revigora os demais. Eles buscam discriminar entre conquistas sólidas e miragens de sucesso, dando um rumo através do século nascente,

com seus novos desafios. Embora que o livro em seu todo deva ser considerado como uma refutação aos argumentos de Washington e seus admiradores, os primeiros três capítulos de Du Bois são a vanguarda do ataque. A segunda maior seção de “As Almas do Povo Negro” deixa para trás história e política. Em seis capítulos, Du Bois conduz o leitor branco por de trás do véu, dando cara e forma a um povo até então discutido apenas de forma genérica. O cenário é a Geórgia e o Tennessee, as regiões do Sul com as quais tinha maior familiaridade, desde a granja do solitário sharecropper<sup>4</sup> à universidade negra de Atlanta, “um verdejante oásis, onde o calor da ira se ameniza, onde se adoça a amargura do desapontamento, pelas amenas brisas do Parnaso”. Du Bois buscava mostrar a má condição do pobre e ignorante, ao mesmo tempo em que fazia ver sua capacidade potencial de progredir, que defendia uma educação liberal para o negro, contra o escárnio daquele que sustentava que “o retrato dum solitário menino negro esfalfando-se sobre uma gramática francesa, em meio aos trastes e sujeira de uma casa malcuidada”, é de muitas formas “o cúmulo dos absurdos”. A última seção de “As Almas do Povo Negro” é devotada ao poder da arte e da espiritualidade negras. “Sobre a fé dos antepassados,” discute a religião dos negros nos Estados Unidos, suas origens e complexo papel social, seus paradoxos e dilemas. O capítulo que Du Bois dedica à morte de seu primogênito desnuda sua própria alma sofredora, num momento de tragédia pessoal. “Sobre Alexander Crummell” é um estudo biográfico que retrata a moral agonística do negro, que dá ênfase à devoção e submissão como diferenciador do melhor em sua personalidade. Em “Sobre o retorno de João”, Du Bois abandona o ensaio para escrever um conto, narrando às vicissitudes de um jovem negro que busca educação e encontra assassinato e suicídio. A peça final, “Sobre as Canções de Sofrimento”, ilumina melodias recorrentes que se mostravam para Du Bois como uma reflexão na arte da capacidade especial de um povo para grandiosidade em pensamento e expressão. Assim, “As Almas do Povo Negro” termina com uma firme declaração do propósito transbordando de suas páginas. Longe de ser uma dívida nacional ou um erro, a presença desses “Milhares”, de negros no solo da América é um ativo não realizado no desenvolvimento de uma nobre tradição nacional.

---

<sup>4</sup> - Nota de rodapé na tradução de “As Almas”: Du Bois usa no original “cropping” ou “sharecropping” para se referir à primeira forma como os libertos intervieram no processo econômico. Plantavam para os donos da terra e recebiam, anualmente, pela empreitada, geralmente, um quinto da colheita.

Du Bois reconheceu a existência de dificuldade na compilação de sua antologia. Como uma solução parcial, introduziu em cada capítulo duas citações. A primeira, com apenas uma exceção, versos de um renomado poeta da herança cultural do ocidente. A segunda, notas de algumas das quatorze mais populares canções de sofrimento, presente do povo negro à América. Colocadas juntas, as linhas do verso significam o embate das almas do povo branco em busca de elevados ideais; eles refletem a dignidade espiritual e a capacidade artística do mundo branco. As Canções de Sofrimento, dispostas sob eles, lembram o leitor da comunidade da alma que transcende raça e cor. Du Bois, nitidamente, desejava que, de parte do leitor branco, houvesse o reconhecimento de que a genuína genialidade está não apenas na civilização branca, senão que também num povo transplantado, emergindo do miasma da escravidão. Ele acreditava do negro que *“a rica e amarga profundidade de sua experiência, os tesouros desconhecidos de sua vida interior, os incomuns padecimentos da natureza que vivenciou, podem oferecer ao mundo novos pontos de vista e fazer de seu amar, viver e agir, rica contribuição aos corações humanos.”*

Em sua variedade de alcance *“As Almas do Povo Negro”* mostra o apreço e maestria de Du Bois, da forma literária Ensaio, como praticado no século dezenove por escritores diversos como Emerson e Carlyle, de um lado, e Hazlitt e Lamb, de outro. Sensível aos muitos propósitos que a forma se adequava, ele usou o ensaio para capturar as nuances de seu tema amorfo, as múltiplas disciplinas envolvidas em sua explicação, e as diferentes e, muitas vezes conflitantes, manifestações de seu temperamento. *“Sobre significado de progresso,”* por exemplo, é, em parte, um exercício em nostalgia ensombrecida enfim pela tristeza. Facilmente, a mais encantadora parte de seu livro, Du Bois reconta os verões de seu tempo de professor numa vila do rural Tennessee, ao tempo em que era estudante da Universidade Fisk. Seu tom é romântico e às vezes bucólico: *“Nós líamos e soletrávamos juntos, escrevíamos um pouco, apanhávamos flores, cantávamos, e ouvíamos narrativas sobre o mundo que existia além das colinas”*. A rememoração de seu retorno após dez anos está envolta em ternura. *“Nesse pequeno vale havia uma estranha quietude constatada na medida em que avançávamos; morte e casamento haviam levado os jovens e deixara apenas velhos e crianças”*. *“Sobre o Cinturão Negro,”* um ensaio mais detalhado e sóbrio, é parcialmente na mesma linha refletiva.

Assim se inicia: *“Vindo do Norte o trem trovejou, e acordamos para contemplar o sanguíneo solo da Geórgia alongando-se estéril e monótono à esquerda e à direita... Apesar disto, não cochilamos, tampouco nos cansamos do cenário, posto que este é um solo histórico”*.

Mas o tema de Du Bois era, comumente, por demais sério para um ensaio informal. Isto é mais bem ilustrado pelo fato paradoxal de que o mais pessoal dos ensaios, *“Sobre o passamento do primogênito”*, é em muitas formas o mais formal, com uma progressão elegíaca e de uma grandiosidade emocional que assinalam seus antecedentes literários como claramente clássicos. Artíficos da tradicional elegia pastoral estão presentes, em forma modificada, mas distinta. Há o envolvimento da Natureza na doença do infante Du Bois. Ele adoece enquanto *“rosas tremeram e o implacável e imóvel sol fez vibrar sua majestosa luminosidade sobre as colinas de Atlanta”*. Está presente também a invectiva contra a morte: *“Mas, ouve, oh Morte! Não é esta minha vida dura o bastante...?”* O desejo de substituir a vítima é expresso: *“Se alguém deveria ter partido, por que não eu?”* Na parte em que é retratada a procissão estilizada de carpideiras, Du Bois assinala, parodiando, a reação dos brancos ao séqüito: *“aqueles apressados homens e mulheres de caras pálidas; eles não diziam muito – olhavam de relance e exclamavam: “Pretos!” Consolo, à tradicional, era impossível. Contudo, para o negro infante morto havia esperança: “– morto não; morto não – redimido sim; não mais acorrentado, mas livre!”* O pranteador não pode esperar pelo conforto de frescos bosques e pastagens novas: *“Não para mim – estarei morto em meus grilhões”*.

A preocupação de Du Bois com a forma é constante, refletindo a influência de sua formação na tradição clássica em oratória e retórica, que lhe foi ensinada nas universidades Fisk e Harvard. A primeira peça, melhor ilustra esse formalismo. O *exordium* se inicia quase caprichosamente, furta-passo entre reminiscências de Du Bois como *“uma coizinha, lá longe, nas colinas da Nova Inglaterra, onde os ventos negros do Housatonic giram, entre o Hoosac e Taghkanic, rumo ao mar”*. A sombra da raça cai através do idílio, e a extravagância abruptamente termina. A *narratio* discute seriamente a história dos embates espirituais dos negros desde a escravidão até o presente. A *probatio* está geralmente subsumida através da peça, mas o início da *refutatio* é claro e direto: *“A um povo, assim, em desvantagem, não se deve pedir para que dispute com o mundo.”* A

*peroratio* dessa oração arrola as conquistas e contribuições dos negros à cultura da América. Não há um apelo vazio baseado em recriminação ou inadequado sentimentalismo; pelo contrário uma mistura de razão, paixão e fato, vestidos com precisão em períodos formais para casar com a ocasião.

Similarmente, Du Bois buscou, sempre que possível, codificar e enumerar; onde era impossível, mudou de forma a reduzir o aparente caos ou fluxo de dualidade, dilema ou paradoxo. A própria história dos negros se mostra como um “paradoxo” entre a brilhante promessa durante os dias da escravidão de “... a glória com a chegada do Senhor” e a realidade do Sul do pós-guerra.

O “*que viria a ser o negro instruído*” encontrou um “paradoxo” nos negros ignorantes não apenas dos rudimentos da educação branca, mas também de um tipo de conhecimento que poderia fazer com que o mundo branco o respeitasse. Há também um “*peculiar paradoxo ético com que se depara o negro hoje em dia*”, entre os ideais estimulados pela religião e a realidade de que tais ideais valem pouco quando se relacionam com o mundo branco; assim, “*o negro enfrenta um dilema não invejável*”. A noção de dualidade é central para a percepção de Du Bois, e o hábito da enumeração é crucial para seu estilo. Teses mais relevantes são sempre repartidas em componentes: “*Existem quatro causas principais para essas habitações arruinadas*”; três passos caracterizam o desenvolvimento das Canções de Sofrimento; as massas negras devem confiar nos dez mais talentosos.

O conceito mais importante do trabalho reflete o sentido que tem Du Bois de dualismo. As “Almas” do título é um jogo de palavras, referindo-se à dualidade do negro americano: “*Duas almas, dois pensamentos, dois embates irreconciliáveis, dois ideais conflitantes, num corpo negro, impedido, apenas por um obstinado esforço, de bipartir-se*”. O negro possui “*uma não verdadeira autoconsciência*”, mas uma “*dupla-consciência*”, vendo-se apenas da forma que os brancos o vêem, através do véu. Para esse discernimento Du Bois se valeu da psicologia de seu tempo. O termo “Alma” era usado como sinônimo de consciência, na forma que esta palavra era usada tanto por psicologistas idealistas e pelo religioso ortodoxo James McCosh<sup>5</sup>, cuja filosofia Du Bois

---

<sup>5</sup> - James McCosh (1811-1894), presidente da Universidade de Princeton.

estudou quando aluno na Fisk. Seu professor predileto, William James<sup>6</sup>, postulou, em 1890, que a estrutura do crânio permitia um “sistema para dar origem a um tipo de consciência, e outro permitindo existências simultâneas. O psicologista Oswald Kulpe escreveu em 1893 “*sobre o fenômeno da dupla-consciência ou do ente dividido... caracterizado pela existência de uma mais ou menos completa separação de dois agregados do processo de consciência... às vezes, um completamente oposto ao outro*”.

O uso por Du Bois da expressão “*povo*” em seu título é também significativa. Bernard Bell traçou as linhas que ligavam Du Bois e outros importantes comentaristas às teorias de cultura que se originaram com Johann Gottfried von Herder<sup>7</sup>, influenciaram Emerson, Whitman e outros artistas americanos do século dezenove, e conduziram o trabalho em folclore dos professores de Harvard Francis James Child<sup>8</sup>, Francis Barton Gummere<sup>9</sup> e George Lyman Kittredge<sup>10</sup>. Numa relação central, “*As Almas do Povo Negro*” enquadra-se à doutrina de Herder a respeito de povo. Em dando ênfase à sublimidade e originalidade de sua música, acima das demais conquistas dos negros americanos, Du Bois aceitou os termos básicos de Herder para avaliação de cultura. Mas, além de sua profunda admiração para com as canções religiosas, Du Bois não foi um campeão da expressão popular. O reacionário Barrett Wendell<sup>11</sup> — melhor que Child ou o jovem Kittredge — foi sua mais forte influência literária em Harvard. Sua definição de “*povo*” é primariamente política e deve ser entendida como intercambiável com a mais ousada “*nação*”, que foi usada para descrever os afro-americanos em seu discurso de 1897, “*Conservação das Raças*”. Sua definição de “*povo*” era menos radical do que a de Herder; a doutrina dos *Dez Talentosos* indica a limitação de sua crença nas massas. Todavia, em usando o termo “*povo*”, para descrever o mais oprimido e desprezado grupo na América, e em encontrando nesse grupo notável evidência de uma capacidade de criação artística, ele fazia uma potente reivindicação para o reconhecimento de sua dignidade e identidade distinta.

---

<sup>6</sup> - William James (1842-1910), filósofo e psicólogo.

<sup>7</sup> - Johann Gottfried von Herder (1744-1803), filósofo e escritor alemão.

<sup>8</sup> - Francis James Child (1825 - 1896), educador e pesquisador americano, cujo trabalho ficou conhecido como “*As Baladas de Child*”.

<sup>9</sup> - Francis Barton Gummere (1855 – 1919), filósofo.

<sup>10</sup> - George Lyman Kittredge (1860 - 1941), professor e crítico literário.

<sup>11</sup> - Barret Wendell, 1855–1921, professor e erudito, nascido em Boston, graduado em Harvard, lecionou nessa Universidade, em Cambridge e na Sorbonne. Entre suas obras estão *Cotton Mather* (1891) e *A Literary History of America* (1900).



“Sobre o retorno de João”, elabora a dualidade da alma negra. Coexistem dois João. Um é “marrom” e esforçado; o outro é o filho branco do juiz Jones, a pessoa mais importante da pequena cidade na Geórgia onde vivem. Os mundos branco e negro pensam apenas em seus filhos prediletos e “nenhum dos dois mundos considerava o que pensava o outro, senão que com um vago desassossego”. Amigos na infância, os dois jovens vão estudar fora e ambos voltam insatisfeitos. O João branco se diz insatisfeito com “esta cidadezinha esquecida de Deus”, que ostenta “nada mais do que barro e negros”. O João negro retorna como uma figura mediatunda, aquele que Du Bois se refere como “suposto negro instruído”, é capturado por um dilema entre dois mundos. Ele perde sua posição de mestre numa escola de negros interiorana. Vagando entorpecido, depara-se com o branco João tentando beijar sua irmã — empregada doméstica na casa do juiz — que dele se defendia — e mata-o. Uma turba de linchadores encontra-o placidamente sentado sobre uma tora, na cena do ocorrido; ele se volta para a turba, e calmamente aceita sua morte.

O tema principal da história é o dilema do jovem negro educado, que aspira a cultura, cujos esforços são frustrados e traídos pela injustiça. Enquanto o João negro se embate com o novo mundo da matemática e do grego, ele descobre “o Véu que jaz entre ele e o mundo dos brancos”. “Insinuaram-se em sua vida um toque de sarcasmo e um vago amargor”. Sua sensibilidade para cultura chega ao clímax num concerto em Nova York quando é subjugado por Wagner; “elevando-o, com aquela brilhante música, da sordidez e desonra daquela vida inferior que o mantém prisioneiro e contaminado”. Ironicamente é neste concerto que, desprezado pelo João branco e maltratado por um lanterninha, decide voltar para casa após uma ausência de sete anos. Seu retorno é um desastre: insulta os negros com um discurso que lhes parece atentatório à sua religiosidade; provoca os brancos com noções passadas a seus alunos a respeito da Revolução Francesa e da possibilidade de mudanças. Expelido da sala de aula e alienado por sua raça, ele se vê psicológica e espiritualmente paralisado, pronto para o exílio ou para a morte, quando mata o João branco.

A história que trata de miscigenação, assassinato e suicídio é densamente narrada. Transforma-se numa ironia selvagem que proclama: para um negro, num universo racista, conseguir instrução é um processo perigoso e comumente destrutivo.

João perde sua inocência e sua ignorância ao mesmo tempo; sua virtude inerente encolhe à medida em que o intelecto expande. O poder branco exige servilismo; os negros são desconfiados e profundamente reacionários. A mais sofisticada façanha dessa história é a interpretação da paralisia emocional e espiritual que se apodera de João quando do início de sua educação. Sem ser um hipócrita, tampouco um rebelde, ele se mantém estático entre dois mundos, isolado de tudo, menos de sua capacidade de sonhar.

A tragédia aqui é a tragédia inerente ao racismo americano. A história é bem um conto do Sul e deve ser lido, em parte, como a dramatização do capítulo “*Sobre os filhos do Senhor e do Homem*”, originalmente publicado como “*As relações entre negros e branco no Sul*”. O João branco “*não era um mau sujeito, apenas um pouco mimado, auto-indulgente*”; e seu pai, em essência, um velho tolo. Mas representavam àquela liderança moral moribunda do Sul branco, que Du Bois deplorava. Vivendo na ignorância e medo dos negros, descobrem tarde demais, com a morte do branco João, que as raças têm um destino comum a unir sua história também comum, e que o infortúnio é tão cego quanto a justiça deve ser. O narrador da história, um anônimo professor do Instituto Wells, onde o negro João foi estudar, medita sobre a história à distância.

Apesar das limitações do método científico e da forma de disciplina clássica, uma abordagem singular flui por toda a obra. Palavras como “thy”(tua/teu), “thou” (tu), “nay” (não), “anon” (já, sem demora), “whence” (de onde), “yonder - yon” (acolá), construções combinadas com exclamações como “Hark!” (ouvir com atenção), endereçam-se para uma postura romântica de Du Bois. Todavia, o narrador dá preferência, mais comumente, a um tom patriarcal às afetações do enlevado jovem poeta. Essa opção faz com que o arcaísmo e o romantismo poético não enfraqueçam a fibra e a argumentação moral do texto. O tom patriarcal é encorajado pela freqüente utilização por Du Bois da versão da Bíblia elaborada pelo Rei James. Às vezes, a influência é direta, como na citação, “*Sou negra, mas graciosa*”, uma passagem de *A Canção de Salomão* ou em passagens tão familiares como “*a casa dos escravos*”, “*a terra prometida*”, “*desvalidos israelitas*” ou “*o Vale da Sombra e da Morte*”. Ocasionalmente, Du Bois usou fraseologia bíblica com efeito literário, como ao referir-se ao fértil cinturão negro da

Geórgia como “o Egito da Confederação”. Mas deve ser ressaltado que Du Bois não escrevia sermões quando objetivava escrever ensaios. Ele exaltou o pregador negro por muitas razões, mas não por sua prédica.

Sociologia apenas engatinhava como disciplina, impossibilitando que o jargão de seus atuais cientistas se faça presente no livro de Du Bois. Mesmo a prosa mais científica em “*As Almas do Povo Negro*” está isenta de linguagem técnica. Também ausente está o pedantismo, mesmo que Du Bois aqui e ali mencione termos familiares da mitologia grega. “Sobre o desafio do Velocino Dourado” o faz buscar em Bulfinch<sup>12</sup> uma história rival à do surgimento e vida do Reino do Algodão, uma fábula que liga “entre a antiga e a moderna *Saga do Velocino Dourado e o Mar Negro*”. Mas a instrução não é um cerimonial. Das canções de sofrimento Du Bois humildemente escreve: “O que são essas canções e o que elas significam? Conheço pouco de musica e nada posso dizer a respeito da técnica da frase, mas sei algo a respeito do ser humano”. Mesmo que Du Bois às vezes retroceda e use uma palavra ou frase arcaica, nunca dá abrigo a uma gíria do dia ou relaxa caindo no coloquial; sua linguagem afasta sempre às comuns armadilhas da indignação: negligência e vulgaridade.

A distância entre o poeta e o cientista em “*As Almas do Povo Negro*” se reflete nos ritmos da prosa de Du Bois. Em seu ataque a Washington, a urbanidade de Du Bois esfria o fluxo da linguagem em afetada cadência Johnsoniana<sup>13</sup>: “Assim, alguém pode hesitar em criticar uma vida que, começando com tão pouco, produziu tanto. Apesar disto, é chegado o tempo em que alguém deve falar, com toda a sinceridade e cortesia, os erros e deficiências da carreira do senhor Washington, mas também de seus triunfos, sem ser capcioso ou invejoso, e sem esquecer que, neste mundo, é mais fácil fazer o mal do que o bem”. Num outro extremo, a sintaxe de Du Bois se torna tortuosa quando descreve a raça de seu filho: “Por que estava seu cabelo pintado de ouro? Cabelo dourado era um mau augúrio em minha vida.” Mais arrebatadora é a capacidade de Du Bois em transmitir uma prosa agitada e vigorosa, como ao descrever seu primeiro emprego: “Entre, vamos”, disse o comissário. “Sente-se. Sim, o diploma está em ordem. Fique para jantar. Quanto você pretende receber por mês?” A seguir pensei: “Puxa, que sorte!” “Mas, então, a horrorosa

<sup>12</sup> -Thomas Bulfinch (1796-1867). Escritor americano mais conhecido por seus livros que popularizavam a mitologia grega, romana, escandinava e celta.

<sup>13</sup> - Samuel Johnson (1709-1784). Lexicógrafo inglês.

sombra do Véu toldou o ambiente: eles cearam primeiro, eu depois, sozinho”. Ou ao descrever a morte de uma jovem camponesa que “trabalhou até que, num dia de verão, alguém desposou outra; então Josie rastejou até sua mãe, qual uma criança ferida, e adormeceu – e dorme!

A morte de seu filho pequeno levou-o a escrever a mais majestosa prosa em “As Almas do Povo Negro”, particularmente eficaz pois segue uma passagem agitada dizendo da crise quando “As horas escorriam com terror; a noite escutava; a terrível madrugada deslizava como algo cansado que se move sob o poste de luz”. “Ele morreu no ocaso, quando o sol se deitava, como ato de triste meditação, sobre as colinas do oeste, encobrindo sua face com um véu; quando os ventos permaneciam silentes, e as árvores, as grandes verdes árvores que ele amara, quedavam-se estáticas. Vi sua respiração se acelerar mais e mais. E pausar. Depois, vi sua pequena alma voar, qual uma estrela que corre pela noite, e deixa um mundo de escuridão à sua cauda. O dia em nada mudou; as mesmas árvores altaneiras espiavam as janelas; a mesma grama verde cintilava no sol poente. Apenas, na câmara mortuária, contorcia-se e sofria o ente que merece toda a piedade do mundo – uma mãe que perdeu um filho”. O grande círculo, em declínio, da primeira sentença não é típica de Du Bois. Ele foi impulsionado de forma atípica.

Sempre sintonizado às ironias do racismo, Du Bois termina com suas tocantes reminiscências da juventude perdida no Tennessee com um lembrete de insensibilidade oficial: “Assim, cismando, acabrunhado, viajei para Nashville no “vagão Jim Crow<sup>14</sup>”. Ou o final de “Sobre a fé dos antepassados”: “Um dia dar-se-á o Despertar, quando, com vigor enclausurado, dez milhões de almas marcharão, de forma irresistível, em busca do Objetivo, fora do Vale da Sombra da Morte<sup>15</sup>, onde tudo que faz da vida digna de ser vivida – Liberdade, Justiça e Direito – têm como epíteto: “Somente para os brancos”. Encontra-se pouco humor, senão que cavalheirismo, ou “bom humor” em “As Almas do Povo Negro”. À parte as observações sobre as ambições de João e o humor regional quando do retorno de João, após sete anos fora, talvez se possa contar apenas uma outra surtida de humor em todo o livro, quando Du Bois descreve o encontro de seu herói Alexander Crummell com o bispo Onderdonk, “corpulento, cara rubra e autor de alguns tratados sobre sucessão

<sup>14</sup> - Vagão só para gente de pele escura ou legalmente negros, como amplamente exposto em grande parte do material referente aos Estados Unidos e as políticas sulistas de *apartheid*.

<sup>15</sup> - O Vale da Sombra da Morte está no Antigo Testamento, Salmos 23:4: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.”

*apostólica*". O bispo discriminava contra Crummell, mas em sua estante de livros "A Vida dos Mártires" de Fox, se aconchegava feliz ao lado de "O Sagrado Dever do Homem". Diferentemente de escritores negros de seu tempo, como Charles W. Chesnutt, Paul Laurence Dunbar e outros, Du Bois não gostava de explorar grafando o sotaque dos negros.. Seu conceito da "alma" de seu povo transcendia certo tipo de humor que alguns consideravam seu dom maior.

Sem ser um radical em sua criação de metáfora e similar, pode, todavia, ser ousado e efetivo. Havia uma igreja na Geórgia *"um grande celeiro pintado de cal, montado sobre alicerces de pedras, dando a impressão de que se encontrava naquele instante em repouso, pronto, a qualquer momento, para movimentar-se e sair estrada a fora"*. Em geral o tom lírico é menos ousado, mas provavelmente mais comovente, como ao falar das primeiras aparições de fugitivos nas linhas de frente das forças da União: *"Eles chegavam à noite, quando os cintilantes campos de luta brilhavam como imensas e instáveis estrelas, na linha do negro horizonte"*. O lirismo, às vezes, toma um rumo encantado: *"Rumores e crenças nascem de quatro ventos: Cuidado! nós estamos doentes e morrendo, clamam as hostes negras; não sabemos escrever, votar é ato vão; para que educação se somos úteis somente para servir e cozinhar? E a Nação ecoou e ampliou esta autocrítica, dizendo: Fiquem felizes"*. A prosa de Du Bois é capaz de serenidade: *"Nossa jornada por aquele dia, de certa forma, terminou nessa fazenda, pois não pude afastar de meus pensamentos a influência daquela cena silenciosa. De volta, em direção à cidade... Uma jovem camponesa trabalhava com a enxada – braços negros e turbante branco na cabeça. A tudo assistimos, mas o encantamento permanecia sobre nós"*.

O mais surpreendente artifício em "As Almas do Povo Negro" é o uso do Véu como a metáfora da vida dos negros na América. Mencionado pelo menos uma vez nos quatorze ensaios, bem como em a "Meditação Preliminar", quer dizer que *"o negro é uma espécie de sétimo filho<sup>16</sup>, nascido com um Véu e dotado de uma clarividência, neste mundo americano – mundo que não lhe permite produzir uma verdadeira autoconsciência, que apenas lhe assegura se descubra através da revelação do outro"*. Se alguma idéia singular guia a arte de "As Almas do Povo Negro" é esse conceito, que antecipava o famoso

---

<sup>16</sup> - A crença de que as crianças falecidas possuem dotes paranormais é popular nos EUA. Na tradição de medicina popular, dentre muitos povos europeus, o sétimo filho ou filha podem ser considerados como possuidores de poderes paranormais, especialmente de cura. O mesmo se aplica a gêmeos.

conceito ficcional desenvolvido por Ralph Ellison<sup>17</sup>, segundo o qual os negros são invisíveis para o resto da nação.

Dentro dos limites do Véu vivem os negros; no vasto território do lado de fora os brancos desfrutam de poder e liberdade; sobre o Véu brilha um céu azul, onde o eterno e o ideal convivem. Os negros buscam *“a oportunidade de voar, em embaciado ar azul, acima da fumaça,”* Em parte alguma, *“sob o amplo céu azul”* de Deus pode o infante morto encontrar a paz. O Véu unia os negros. Eles são arrastados juntos por razões oriundas *“acima de tudo da visão do Véu que pairava suspenso entre nós e a Oportunidade”*. Mas o Véu também destrói o negro, como o fez com João. Assim, Du Bois em *“As Almas do Povo Negro”* acerta: *“Veja! removo o Véu e choro, a alma de quem, em querida memória, faço este modesto tributo”*.

Em *“Sobre nossos embates espirituais”*, Du Bois estende a metáfora do nevoeiro ou meia visão: *“A sombra de um poderoso passado voeja nas lendas da Etiópia misteriosa e da Esfinge do Egito”*. As forças de um homem negro indiviso *“lampejam aqui e ali como estrelas cadentes através da história, e morrem, ocasionalmente, antes que o mundo tenha com precisão medido sua luminosidade”*. Marginalizado povo negro, *“o lúgubre espectro”* acomoda-se no assento de sempre do banquete nacional. Liberdade é *“um tanzante fogo-fátuo”*, *“uma nova visão”* de educação começou a substituir *“o sonho”* de poder político negro, *“outro facho de luz após um dia nublado”*. Os negros têm *“mentes nebulosas”*, na medida em que forcejam no rumo de sua desilusão. *“O horizonte mostrava-se ainda mais escuro... a paisagem descortinada não representava o atingir de uma meta... Nessas sombrias florestas de sua luta, sua alma ergue-se diante de si, e ele viu, a si mesmo, túrbido, como através de um Véu”* Sempre que as aspirações ou história dos afro-americanos é discutida em termos poéticos, esta imagem de confusa visão é dominante. Daí seguem imagens secundárias de incerteza. O mundo como percebido pelas almas do povo negro é preto, um local distante habitado por demônios e fantasmas, quimeras e miragens. As estradas se enroscam ladeira acima, mesmo que nenhuma colina esteja à vista. Quem escala, cioso dos precipícios, não pode descortinar a vista. Há escuridão no meio-dia.

---

<sup>17</sup> - Ralph Ellison (1913-1994). Escritor afro-americano, autor do sucesso *“O Homem Invisível”*, de 1952.

Du Bois não deseja ser identificado com sociólogos “*de janela de automóvel*” que viam o negro à distância ou “*enumeram seus bastardos e suas prostitutas*”. “*Comumente nos esquecemos*” assinalou, “*que cada indivíduo nesse conjunto é uma pulsátil alma humana.*” Para examinar essa alma, Du Bois se apóia na liberação de sua própria natureza poética. A justificação para essa liberação vem não apenas do exemplo dos propagadores da moral ocidental, mas também dos próprios negros. Du Bois acreditava que ele compartilhava do repositório estético de sua raça, cujo critério derivava de uma “*imaginação tropical*” mais vívida e apaixonada do que a ocidental. A mais destacada manifestação americana da arte dos negros, pensava Du Bois, era as religiosas canções de sofrimento, “*a singular herança da Nação e a maior dádiva do povo negro*”. Não é de maravilhar-se, então, que o critério identificado por Du Bois como elementar para a grandeza das canções de sofrimento também são encontradas em “*As Almas do Povo Negro*”.

Como o livro, as canções de sofrimento são a mensagem ao mundo, e “*uma mensagem, naturalmente, disfarçada e semi-articulada*”. As canções falam de “*em palavras e sons, das mazelas do exílio, de lutas e fugas — os escravos tateavam em busca de uma força oculta e almejavam o repouso, no Fim... Mãe e filha cantam, o pai raramente o faz; fugitivo e cansado, o viajante apela por piedade e afeto, mas há pouco afeto e poucas uniões... Canções de amor são raras e... A respeito de amor profundo e bem sucedido existe um portentoso silêncio... Sobre a morte, o Negro mostrou pouco medo... Transpassando todo o padecimento que se contém nas Canções de Sofrimento existem espasmos de esperança — uma fé na justiça derradeira das coisas.* Todas estas qualidades representam a fronteira estilística maior entre “*As Almas do Povo Negro*” e aquilo que Du Bois considerava como a literatura patrística do povo negro na América.

“*Sobre Booker T. Washington e outros*” é a chave para a razão política do livro. Como assinalou James Weldon Johnson, esse ensaio mostrou-se como um ponto de convergência dos negros radicais que se opunham a Washington, criando, assim, uma divisão em dois campos antagônicos. Até a morte de Washington, em 1915, ele e Du Bois foram os líderes desses dois campos guerreando sobre as inquietudes da afro - América. Cada lado tinha seu credo e, mesmo, sua Bíblia: para os radicais, esta era “*As Almas do*

*Povo Negro*”, e, para os discípulos de Washington, seu sucesso de vendas, de 1901, “*Up from Slavery*” (Distante da Escravidão).

Du Bois e Washington tinham muito em comum dentro de suas convicções. Ambos acreditavam, por exemplo, no trabalho. Como Du Bois, Washington citou Carlyle, que clamava por um “*homem genuíno; não um tomador e pedinte de segunda mão*”. Eles compartilhavam uma náusea quanto à qualidade de vida dos negros em meio às massas populares. Frase de abertura de Du Bois, *Os Dez Talentosos*, publicada, como “*As Almas*”, em 1903, ilustra este desconforto: “*A raça negra, como qualquer raça, haverá de ser salva pelos seus melhores homens*”. Du Bois admitiu que “*morte, doenças e crime*” eram o cotidiano da raça negra. O conhecimento da vida e de seu profundo significado, tem sido o ponto de maior ignorância dos negros. “*Imperioso — prosseguiu — é elevar o negro o mais rápido possível a uma escala de civilização*”. Com esta finalidade, deve o ensino ser imposto, lutando para “*fortalecer o caráter do negro, aumentar seu conhecimento e ensiná-lo a fazer pela vida*”. Se a América não soerguer os negros, os negros vão arrastá-la para baixo.

As posições de Washington eram ainda mais críticas quanto às massas negras, embora fosse de seu estilo não tornar públicos seus pontos de vista, exceto por implicação. Ele compartilhava aquilo que chamava de “*dúvida em muitos aspectos quanto à habilidade do negro desorientado, desamparado de abrir seu próprio caminho, e colocar em visível, tangível e de forma indisputável, produtos e sinais da civilização*”. Um de seus admiradores, H. T. Kealing<sup>18</sup>, da Igreja Metodista Episcopal Africana, criou um dos atalhos para os negros americanos. Kealing viu os afro-americanos como possuidores de traços inatos e adquiridos. Todas as suas boas qualidades, como a alegria e o amor à religião, eram endógenos. Uma galeria de defeitos e faltas, contidas em sua personalidade, eram não menos reais, embora Kealing defendesse sem muito ardor que os defeitos pudessem haver sido adquiridos. Ele listou como defeitos dos negros o desleixo, a incontinência, a indolência, a improvidência, a extravagância, a falta de asseio, a desonestidade, a falsidade, a irresponsabilidade, a falta de iniciativa, a suspeita de sua própria raça (Kealing não viu ironia aqui) e ignorância.

---

<sup>18</sup> - Hightower Theodore Kealing, (1860-1918).



Du Bois conviveu longamente com Washington e a teoria de educação que representava Tuskegee. Embora houvesse encontrado mais e mais sentido na “radical” oposição a Washington, é provável que na autobiografia que produziu mais tarde é que revelou o profundo sentido cultural da mensagem Tuskegee<sup>19</sup>. Seu aberto criticismo ao autor se iniciou com a crítica que produziu em 1901, sobre o livro “*Up from Slavery*”. Como um crescente mestre propagandista, Du Bois reconheceu o notável poder criador do outro, um poder que, atrelado a uma influência política e econômica sem paralelo na América negra, fez da biografia uma espécie de guia bíblico, para o futuro das relações raciais na América. Mas, embora “*Up from Slavery*” fosse um texto sagrado para os patronos de Tuskegee, era uma heresia para Du Bois.

Em sua crítica, Du Bois ocultamente apontou que Washington deu “*apenas lampejos da luta que teve de travar para conseguir a liderança*”. Ele acusou Washington, de fato, de estar mentindo. Apontou as limitações da filosofia de Tuskegee, que nada mais era do que um refinamento da “*antiga atitude [negra] de se ajustar ao ambiente, dando ênfase ao momento econômico*”. Mesmo em 1901, Du Bois viu a principal fraqueza da liderança de Washington para ser sua oposição à cultura liberal. Dentre as pessoas indicadas como representantes do verdadeiro pensamento de oposição inorganizada à idéia Tuskegee-Hampton, três eram importantes artistas da atualidade: Paul Laurence Dunbar, poeta; Charles W. Chesnutt, ficcionista e Henry O. Tanner, pintor<sup>20</sup>. Não restava dúvida em que lado estava Du Bois.

Antes, em abril de 1901, Du Bois mostrou que estava preparando um ataque num ponto de vista para o qual Washington era talvez o mais prudente e ao mesmo tempo mais ativo porta-voz. Ele escreveu uma esmagadora resenha do livro escrito por William Hannibal Tomas<sup>21</sup>, “*The American Negro*”, de 1901, no qual um negro instruído criticava acrememente seu povo. Thomas escreveu, por exemplo, que “*a natureza do negro é tão covarde e sensual em cada fibra de seu ser que simplesmente não existe um negro adulto que respeite uma mulher casta*”. Du Bois viu a obra como um “*sintoma sinistro*” do crescimento da autodesconfiança e auto-ódio, alguém “*sem fé ou ideal*”, cujos resultados

---

<sup>19</sup> - Instituto Tuskegee. Conjunto de escolas de formação técnica, criado por Booker T. Washington. Ver “*Distante da Escravidão*” “*Up from Slavery*”, traduzido neste Projeto Cultural.

<sup>20</sup> - Todos com traduções ou citações neste Projeto Cultural.

<sup>21</sup> - William Hannibal Tomas (1843-1935). Após sofrer intensamente discriminação, mutilado da guerra em que foi rejeitado como militar, mas não como servente, seguiu uma carreira de professor, jornalista e escritor. Seu mais famoso livro “*The American Negro*”, de 1901, atraiu a ira do pensamento negro da época, especialmente por sua crítica irada à mulher negra.

visam satisfazer o “*mais ou menos inconsciente Desejo para o Pior no que concerne ao negro, para justificar a lógica de sua difícil situação*”. Tipos abjetos começaram a aparecer dentre a raça, proeminente dentre os quais “*àquele melhor instruído que haja perdido a fé tanto na chegada do Bem ou do Bem em si*”.

Em dezembro do ano antecedente, escrevendo um artigo sobre a religião dos negros, Du Bois colocou-se entre os lados, o radical e o reacionário: “*o perigo daqueles*”, escreveu “*reside na anarquia, e dos outros na hipocrisia*”. Ligando a perda de sentido espiritual para filosofias políticas e sociais, criticou os reclamantes por serem “*apegados a remotos ideais, caprichosos, talvez de impossível realização*”. Suas ásperas palavras, todavia, eram poupadas pelos contadores da “*Mentira*”, hipócritas que possuem “*um outro tipo de caráter, astuto e aguçado, também mais tortuoso, [que vê] no próprio esforço do movimento contra os negros sua fraqueza óbvia, e com casuísmo jesuítico é desestimulado por considerações anti-éticas no objetivo de tornar esta fraqueza no esforço do negro... [esquecendo] que a vida é mais do que carne e o corpo mais do que vestimenta*”. Sem nomear Washington ou Tuskegee, Du Bois iniciou a combatê-los.

Para interpretar Washington em termos ideológicos, ou como “*o intelectual oposto a W. E. B. Du Bois*”, Louis Harlan<sup>22</sup> demonstrou, é “*perder o caráter essencial de um homem... Poder era seu jogo, e ele usava idéias simplesmente como um instrumento de ganhar, poder*”. Se dissimulação era a principal arma de Washington, “*Up from Slavery*” era seu maior golpe. Habilmente organizados, os eventos de sua vida em consonância com os complexos, múltiplos desejos da audiência, Washington mostrou-se, do ponto de vista de Du Bois, como finalmente sem princípios relevantes. Em sua ascensão do casebre de escravo até os elegantes clubes britânicos e título honorário em Harvard, às recepções de gala das lideranças sulistas nas cidades de sua juventude pobre, Washington se amparava em uma fé sem fronteiras na humanidade, uma Providência beneficente, a eficácia do trabalho, do esforço e da frugalidade, e a força da humildade ante as condições sociais prevalentes. O que Du Bois quase sozinho viu, e o que talentosos comentaristas brancos, tais como William Dean Howells<sup>23</sup> não puderam vislumbrar ou não

<sup>22</sup> - Louis R. Harlan (1856 -1901). Sobre o tema, “*Booker T. Washington in perspective: essays of Louis R. Harlan*, editado por Raymond W. Smock. Jackson: University Press of Mississippi, c1988”.

<sup>23</sup> - William Dean Howells, (1837-1920). Escritor americano e editor chefe (1871-1881) do *Atlantic Monthly*, que estimulou inúmeros escritores, inclusive Mark Twain e Henry James.

admitiriam, eram todas as implicações desta extraordinária versão de cara-preta do mito de Horatio Alger<sup>24</sup>.

Du Bois não objetou tanto às expressões de fé, de Washington, no trabalho e frugalidade ou na crença de uma “*classe melhor*” de brancos sulistas se constituía num aliado a ser cultivado pelos negros; estas idéias eram próprias da maneira de pensar de Du Bois. Não lhe dava prazer, todavia, a ambivalência das posições de seus opositores na questão dos direitos civis. Um negro deve ser moderado no pleitear politicamente, disse Washington em seu “*Up from Slavery*”; ele não deve deixar de votar, mas deve ser conduzido por brancos inteligentes e responsáveis. Também não poderia Du Bois deixar de sentir-se ofendido por haver Washington ridicularizado o ensino de grego e latim, ou escolas que procuravam imitar a educação ministrada em Nova Inglaterra, por seu formal desdém por poesia e ficção, ou por sua menção à “cartilha lombada azul” Webster, solitária entre seus livros, como se tal se constituísse em tudo de educação que um homem prático necessitasse.

Não seria fácil para Du Bois ser liderado por um homem que em sua autobiografia havia declarado que poucas coisas eram tão deliciosas como carne suína<sup>25</sup>; para quem Holanda significava gado holandês<sup>26</sup> e, através da agricultura, equiparava a arte de Henry Ossawa Tanner<sup>27</sup> à habilidade dos que plantavam batatas-doces; para quem um título honorífico de Harvard era a prova menos de educação e cultura do que de sua própria ascensão da obscuridade. A medida de cada um dos muito bem documentados títulos de “amizade” no livro, “*Up from Slavery*” é um pilar no monumento Tuskegee, atrás do qual seu senhor modestamente se mantém no resplendor de sua intensa humildade. Qualquer dádiva inesperada é assinalada como obra da Providência, pois ao contrário não teria sentido. Secular e desespiritualizada, como qualquer autobiografia, em sua linguagem, “*Up from Slavery*” foi, para Du Bois, a personificação da “Farsa” Washington.

Du Bois deixou claro no capítulo “Sobre o Sr. Booker T. Washington e outros” que ele estava atacando não uma mera teoria de educação, mas “um verdadeiro Estilo de

<sup>24</sup> - Horatio Alger (1832-1899). Escritor americano de livros de aventura, tais como *Ragged Dick* (1867), destacando jovens que através do trabalho e da virtude atingiam riqueza e respeito.

<sup>25</sup> - No original: *Berkshire* - Um tipo de porco preto, de tamanho médio, com marcas brancas nos pés, pernas e cara. E *Poland China* - *Poland China* nome de qualquer espécie de porcos grandes, preto e branco, criados na América do Norte.

<sup>26</sup> - No original: *Holland* significava *Holstein*. Espécie de gado preto e branco de grande porte, oriundo da Frísia, antiga província da Holanda.

<sup>27</sup> - Henry Tanner (1859-1937). Pintor afro-americano do gênero arte sacra. Migrou para Paris escapando do preconceito racial.

Vida”, pois Washington havia interligado, de forma indissociável, políticas de educação técnica, conciliação com os brancos do Sul e silêncio quanto aos direitos civis. O mentor de Tuskegee aprendeu tão inteiramente a linguagem do comercial e da prosperidade material que perdeu a visão para uma vida melhor, da forma compreendida por Sócrates ou São Francisco. Unindo políticas reacionárias a uma época de desenvolvimento econômico e de fricção racial — o “*senhor Washington praticamente aceita a teoria da inferioridade racial do negro*”. Mesmo que algum tipo de oposição a Washington partisse, sem dúvida, da inveja, demagogia e malevolência, havia genuína causa para lástima e apreensão em meio aos negros educados e íntegros.

Cada uma das proposições básicas de Washington — de que se justificava agir do Sul em sua política antinegro face à “*degradação dos negros*”; que a educação dos negros era mal conduzida; e que o progresso do negro dependia apenas de seu próprio esforço — “*é uma perigosa meia-verdade*”. Expondo um “*tríplice paradoxo*” no programa de seu oponente, Du Bois declarou que não poderia haver verdadeiro progresso econômico sem o voto; frugalidade ou auto-respeito sem um envolvimento e reconhecimento cívico; nenhum significativo progresso na educação “*mais baixa*” sem professores treinados em faculdades negras ou pelos egressos dessas instituições. Washington poderia ser louvado à medida que pregasse as virtudes da “*Frugalidade, Paciência e Treinamento Técnico*” para as massas (não para os Dez Talentosos, por certo), mas sofreria oposição enquanto “[Mr. Washington] *se desculpava por injustiça... [Norte ou Sul] não avaliam corretamente o valor e o privilégio que se contém no direito de votar; minimizam os efeitos emasculantes da distinção de castas, e se opõem ao treinamento superior e ambições de nossas mentes mais privilegiadas*”.

Du Bois detestava, em Washington, o que ele percebia como materialismo, filistinismo<sup>28</sup>, e, acima de tudo, pessimismo espiritual. Washington era um seguidor ardente da doutrina da autoconfiança, popularmente interpretada a partir dos textos de Emerson, reabilitados pelos social-darwinistas, na América, de fins do século dezenove. Embora houvesse espaço para a igreja em seu esquema, Washington nunca buscou objetivos finais além da fria realidade ou o materialismo de seu mundo. Ele não aceitava a

---

<sup>28</sup> - *Philistinism*. Em Inglês: Atitude de ignorância presunçosa e convencionalismo, especialmente ante a valores artísticos e culturais. *The American Heritage Dictionary of the English Language*.

visão radical darwinista-spenceriana segundo a qual os pobres se constituem em baixas na luta pela vida, mas aceitava a maioria dos nítidos limites impostos pela filosofia determinista sobre a experiência humana, especialmente àqueles das massas inferiores. Tais idéias limitavam a visão de Washington do desenvolvimento do negro.

Du Bois escarneceu a religião institucional em sua maturidade, e certamente desfrutou dos confortos materiais. Todavia, ele possuía consistentemente aquilo que pode ser chamado de uma visão platônica do significado final da vida. O verdadeiro objetivo do trabalho não era apenas a acumulação de riqueza. Perseguir ideais de verdade, beleza e amor — do que o trabalho era profético — dominava sua imaginação. Aos olhos de Washington, este objetivo era pouco mais do que vadiagem. Sua visão de vida começava e terminava na terra, desatento a qualquer tipo de louvação paga ao conceito cristão de uma vida além, como meta de um esforço terreno. Ora agnóstico, ora ateu, Du Bois vagou entre o helenismo e hebraísmo de Matthew Arnold<sup>29</sup>, mas terminou por adicionar ao Deus Puritano de sua juventude os divinizados ideais do intelectualismo grego. A instabilidade de sua religiosidade não nega sua validade ou escopo. O sentido da vida era a aspiração para o ideal. Limitar a vida ao atingir o que é chamado de o Sonho Americano era teleologicamente pessimismo da mais sórdida espécie. O Sonho era compatível com, em verdade era alimentado por, o fatalismo do social darwinismo do qual Du Bois se afastou.

O resplendor do Sonho Americano não esconde seu pessimismo sobre o propósito da presença do homem na terra. Ornamentado pelas vestes das religiões, permanecia uma desilusão no que concernia a Du Bois. Para ele, educação liberal e cultura libertavam o espírito para encontrar sua verdade, em nível elevado; para Washington, tais ideais eram quase sempre sinônimos de ociosidade. Em 1884, Washington desejou que os negros instruídos (o orgulhoso janota com seu chapéu alto de castor, luvas de pelica e bengala) fossem levados a fazer algo de prático e útil. Em “*Up from Slavery*”, uma geração adiante, ele usou a mesma caricatura do negro instruído. Du Bois viu tal homem como impelido por ideais, embora ele soubesse que poderia haver exceções à regra; Washington viu a mesma como um homem de convicção, “*determinado a viver por sua capacidade*”.

---

<sup>29</sup> - Poeta e crítico inglês que viveu entre 1822 e 1888.

Du Bois antepôs seu próprio otimismo contra o “negro fatalismo” dos negros que não podiam se movimentar por causa de um sentido histórico de impotência. Ele insistia que *“questão do futuro se põe na indagação de qual a melhor maneira de manter esses milhões afastados de pensar sobre os erros do passado e as dificuldades do presente”*. Um peso de pessimismo malevolente se encontrava profundamente enraizado na consciência negra como resultado da vitória escravidão sobre os africanos, que parecia ser, para a imaginação criativa de mitos dos negros, *“a negra vitória do Mal sobre si. Todas as odiosas forças do submundo se abatiam sobre ele, e um espírito de revanche e revolta enchia seu coração”*. Nos derradeiros anos da escravidão, a religião dos negros *“tornou-se mais negra e mais intensa; em sua lenta progressão ética, um tom de desforra”*. Em seu próprio tempo, Du Bois sentiu, a desesperança dos negros chegara a uma crise. Enquanto a igreja perdia seus fiéis para bordéis, salas de jogo e salões nas grandes cidades, *“as melhores classes se segregam dos grupos tanto de brancos como de negros, formando uma aristocracia aculturada e pessimista, cuja amarga crítica fere, posto que não aponta qualquer solução”*.

Para a visão moral de Du Bois, essa desesperança era o pior dos pecados. Assim, em *“As Almas do Povo Negro,”* ele esboçou a vida de Alexander Crummell como alguém que, em sua opinião, triunfou sobre as tentações do ódio, desesperança e dúvida. Crummell serviu de exemplo do espírito do afro-americano sendo tentado e resistindo à tentação. Ele viu na *“fraqueza fatal”* dos negros, *“a carência de um caráter moral forte e inflexível honradez”*. Ao invés de ceder ao pessimismo, Crummell dedicou sua vida a mudar o mundo. Crummell era um “herói” no sentido *carlalyano*<sup>30</sup>. Ele foi a apoteose de um espírito maravilhoso; foi um destes espíritos excepcionais; foi um destes homens magistrais, pelos quais os negros deveriam ser salvos — um profeta em meio aos Dez Talentosos.

Mas em aceitando a idéia da salvação pela aristocracia propagada nos escritos de Fichte<sup>31</sup>, Carlyle, Arnold<sup>32</sup>, e outros profetas moralistas ocidentais, Du Bois expôs um lado vulnerável para seus oponentes. O pensamento de Washington, com todo o seu materialismo, puritanismo e pessimismo, depositava confiança no que as pessoas tinham

<sup>30</sup> - Thomas Carlyle – (1795-1881). Ensaísta, crítico social e historiador escocês.

<sup>31</sup> - Johann Gottlieb Fichte (1762-1814). Filósofo idealista e transcendentalista alemão.

<sup>32</sup> - Matthew Arnold (1822-1888). Importante poeta vitoriano e principal crítico literário de sua geração. Thomas Arnold. (1795-1842). Diretor da Rugby School, que se tornou modelo de escola vitoriana para rapazes.

em si mesmas. Em assim se apresentando, era, desde logo, uma ideologia nativa americana, enquanto as queixas de Du Bois soavam como um deslocado exotismo europeu e um “academicismo”, deslocado do contexto do Novo Mundo. Há, assim, um paradoxo na reputação desses dois homens. O nome de Washington tornou-se infame em certos círculos, virando sinônimo de acomodação sem força moral. Du Bois era considerado um nacionalista cultural, insistindo nas virtudes de seu povo e de seu destino independente. Estes eram créditos justificáveis. Pode ser argüido, todavia, era mais profundamente acomodaticio do que Washington, ao escrever *The souls of Black Folk*. Se Washington negava o poder da arte e espiritualidade dos negros, Du Bois aparentava estar acrescentando cultura às alucinações dançantes ante os olhos de alguém perscrutando através do Véu.

A noção de cultura de Du Bois era fundada no princípio segundo o qual a fertilização cultural se propagava do topo para baixo nas massas populares: “*Existiu alguma nação, nesta terra justa de Deus, civilizada de baixo para cima? Nunca; sempre foi e será de cima para baixo que a cultura se espraia. Os Dez Talentosos erguem e puxam tudo o que vale a pena juntar para seu lado vantajoso. Esta é a história do progresso humano*”. Du Bois não era alguém afinado com o povo sulista — ou seja, com a massa dos negros americanos — por local de nascimento, educação ou temperamento, e desse fato vieram tanto força quanto fraqueza. Seu sentido de isolamento era efetivamente contrabalançado por uma dedicação que se somava a um sentido de destino pessoal. “*As Almas do Povo Negro*” não é um romance, mas tem um herói principal: a alma de W. E. B. Du Bois, seu sofrimento, suas virtudes, seus dons, oferecidos como exemplares à melhor conquista do povo afro-americano. Em tentando expor as almas do povo negro, Du Bois desnudou sua própria alma. Sua exposição pessoal visava aqueles brancos incapazes de imaginar um negro em termos de dignidade, que suspeitavam de que “*nalgum lugar, entre o homem e o gado, Deus criou um tertium quid*<sup>33</sup>, e chamou a isto de negro”. Sua resposta era mostrar-se a si mesmo como um homem instruído e sensível, desejando que o leitor se desse conta, acima de tudo, que “*eu, que aqui falo, sou osso do osso, carne da*

---

<sup>33</sup> - *Tertium quid* (Do Latim, terceiro quê ou terceiro elemento). Como termo, teria surgido nos debates sobre cristologia, no quarto século, e se refere aos seguidores de Apolinário, que falou a respeito de Cristo como algo nem humano nem divino, mas uma mistura dos dois.

carne, dos que vivem dentro do Véu”. O autor desses ensaios, como o povo que descreveu, possuía duas almas, dois ideais conflitantes, num corpo negro – e ele resumiu o dilema obsedante da vida de todo o povo negro. Da competição na infância com o mundo dos brancos, quando pela primeira vez constatou a existência do Véu, progrediu para um sentimento de dedicação a um propósito maior, o desenvolvimento do aprendizado e da inteligência de forma a serem úteis não apenas a si mesmos, senão que a seu povo, e a preservação de valores do espírito, face à tentação e ao abuso. Numa variedade de tons, o narrador de “*As Almas do Povo Negro*” relata o épico de seus conflitos d’alma, emergindo enfim como um homem tolerante, porém determinado prevalecer. O auto-retrato de Du Bois reforça a necessidade de heroísmo moral e psicológico, qualidades sem as quais, ele afirma, a vida é sem sentido. A obra ressoa sua fé no vigor da alma africana, contra a qual essa outra alma poderosa, implantada pelo mundo branco, trava uma guerra constante.

A grandeza de “*As Almas do Povo Negro*” como um documento da cultura negra americana reside na criação de mitos profundos e duradouros sobre a vida de seu povo. Du Bois conseguiu, com seus ensaios e contos, um efeito não dessemelhante daquele que Cooper<sup>34</sup> capturou para os americanos com suas histórias de Latherstocking ou Scott<sup>35</sup> para a tradição anglo-hibérnica, com seus romances Waverly, ou Yeats<sup>36</sup> para a Irlanda com suas histórias e poemas saturados no mistério do lusco-fusco celta. Du Bois mostrou para os afro-americanos um retrato de seu povo, pintado por um dos seus. Pela força de sua imaginação mitificadora, ensinou-lhes como pensar a respeito de si mesmos e como louvar-se, pois a imagem era imediatamente reconhecida com uma inspirada reflexão do nível mais profundo da herança negra americana. Ele converteu a imputação racista de sensualidade, indulgência emocional e talento artístico imitativo, numa capacidade para uma vida humanizada, uma profunda espiritualidade, uma paixão para a arte, especialmente a música, e, finalmente, um dualismo essencial na alma negra americana. Ao colocar o foco de seu exame na consciência dividida do negro, Du Bois sublinhou o permanente potencial para o drama e para a tragédia em cada integrante das massas de afro-americanos. Havia assim uma dignidade intrínseca na experiência do negro e um

---

<sup>34</sup> - James Fenimore Cooper, importante novelista americano, viveu entre 1789 e 1851, produziu, dentre outras, *Leatherstocking Tales*, considerado como clássico da língua inglesa.

<sup>35</sup> - Sir. Walter Scott (1771-1831). Escritor escocês, autor de romances históricos.

<sup>36</sup> - William Butler Yeats (1865-1939). Poeta irlandês.



destino separado daquela corrente, predominante na nação, no qual o afro-americano parecia, por tanto tempo, ser pouco mais do que um insignificante tributário. Se a literatura de uma nação possa se originar de um livro, como Hemingway deu a entender sobre “*The Adventures of Huckleberry Finn*”<sup>37</sup>, então pode ser dito de forma acurada que toda a literatura afro-americana, de natureza criativa, se originou da afirmação abrangente da natureza do povo em “*As Almas do Povo Negro*”. Mesmo sua escolha como metáfora básica — a fraca percepção das raças uma pela outra, como separadas por um véu — deixou sua marca na expressão negra. E pela enunciação da presença de duas almas em conflito dentro de um corpo negro, emergiu como o delinear do mais acurado, por essa razão, para o artista, o mais fascinante dos dilemas dos negros, a reconciliação de sua presença atribulada na América branca com sua nostalgia para o lar místico do qual ele foi arrancado. Datado, não obstante, através de palavras e frases, o livro de Du Bois é vívido para os negros de hoje como o foi quando de sua primeira publicação em 1903.

Uma ironia de significativa façanha deste livro é que ao mesmo tempo constitui-se num tributo à América dos negros e aos ideais da civilização branca que mantiveram os negros americanos na servidão. “*As Almas do Povo Negro*” foi escrito com um extraordinário espírito de generosidade, evidenciado não apenas na taciturna civilidade do ataque a Washington, mas também na compaixão de Du Bois para com a tragédia do arrasado Sul, tanto branco quanto negro. Mais importante: “*As Almas do Povo Negro*” representa a recusa de um homem de ser alienado dos ideais de verdade, beleza e espiritualidade de uma vida desfrutada por uma civilização que buscava fazer de si um alienado. Já naquele tempo, na Europa, artistas e escritores como Picasso, Matisse e Gide começavam a olhar para a África como fonte de inspiração sensual e liberdade artística, sem os freios do judaísmo-cristão, no “super-civilizado” mundo ocidental. Mas Du Bois bem quis tais freios. Ele trabalhou para traduzir a base da força emocional e espiritual dos negros americanos, numa paixão para o ideal e dedicação à cultura. O trabalho é, assim, um poderoso tributo a uma civilização que muito a isto desprezou.

---

<sup>37</sup> - De Mark Twain.

